



**MIGUEL ARCÁNGEL ROSCIGNA -  
O DIREITO AO ÓCIO E À EXPROPRIAÇÃO INDIVIDUAL**



## MIGUEL ARCÁNGEL ROSCIGNA (1891-1936)

Alguma vez se fará justiça aos anarquistas e seus métodos. Não temos ninguém que financie as nossas atividades, como a polícia que é financiada pelo Estado, a Igreja que tem seus fundos próprios ou o comunismo que tem uma potência estrangeira por detrás. Por isso, para fazer uma revolução, temos que obter os meios saindo à rua, dando a cara.

Nascido em Buenos Aires no ano de 1891, no seio de uma família oriunda da Itália, tornou-se um operário metalúrgico bastante conceituado pela perfeição do seu trabalho.

As profundas desigualdades sociais, as arbitrariedades das classes dominantes e a violência da repressão estatal “empurraram-no” cedo para o anarco-individualismo. Eleito secretário do *Comité Pro Presos Sociales y Deportados*, cujos objetivos eram apoiar tanto os anarquistas presos como as respectivas famílias, cobrir os custos dos processos judiciais e organizar fugas, Roscigna juntava à vontade de ação uma grande capacidade de organização. Sobre tudo planejar e executar fugas de companheiros presos era para ele uma verdadeira obsessão, uma paixão, a que devotou toda a sua vida, mas para tanto era preciso dinheiro, muito dinheiro, pelo que Roscigna enveredou decididamente pelo ilegalismo. E se bem que o seu grupo chegasse a atuar em conjunto com os meios de Di Giovanni e de Gavilán, Roscigna não estava interessado em atos de “propaganda pelo fato”, leia-se atentados bombistas, como arma de propaganda ou de luta, mas em ações de expropriação que lhe dessem os fundos necessários para concretizar os objetivos daquele *comité*. Roscigna era um anarquista expropriador puro, um ilegalista *à la Belle Époque*.

Organizou numerosas fugas, infelizmente nem sempre com sucesso, como as duas tentativas de libertar Radowitzky. A 7 de Novembro de 1918, ele e outro companheiro foram até Punta Arenas, no Chile, onde alugaram um barco à vela e rumaram a Ushuaia. Radowitzky conseguiu sair da prisão disfarçado de guarda prisional, embarcou no veleiro e navegaram de volta ao Chile. O plano era desembarcá-lo num sítio recôndito da costa, com mantimentos, até passar a euforia das buscas que se seguiriam, e depois vir buscá-lo para o levar tranquilamente para um sítio seguro. No entanto, Radowitzky insistiu em ir até Punta Arenas, o que veio a se revelar um erro. No trajeto surgiu um barco de guerra chileno que já o procurava. Radowitzky atirou-se à água e nadou para a terra, mas foi apanhado pouco depois e devolvido às autoridades argentinas. Em 1924, tentou de novo libertá-lo. Com grande audácia, conseguiu ser contratado guarda prisional e destacado para o Ushuaia. Quando já tinha tudo preparado para a fuga, aconteceu que um orador, no congresso da central sindical socialista *Unión Sindical Argentina*, para atacar os anarquistas proclamou que Roscigna se tinha tornado carcereiro. A polícia pôs-se de imediato a investigar e ele teve de fugir de Ushuaia para não ser preso, mas antes ainda incendiou a casa do diretor da prisão.

No entanto, outras fugas foram bem-sucedidas, como as do dirigente do Sindicato dos padeiros Ramón Silveyra, libertado duas vezes da prisão, outra de vários anarquistas da Penal Central de Buenos Aires, a de um membro do seu grupo que estava no hospital e a mais célebre de todas, a da prisão de Punta Carretas em Montevideu, estas duas últimas descritas mais adiante.

A 19 de Janeiro de 1926, participou na que deverá ter sido a sua primeira ação de expropriação. Tratou-se do assalto a uma agência bancária na cidade de San Martín, que

rendeu 64 mil pesos. O grupo era constituído por sete elementos: Roscigna, Andrés Paredes, Emilio Uriondo e, tudo indica, os já famosos Durruti, Gregorio Jover e os irmãos Francisco e Alejandro Ascaso, membros do grupo *Los Solidarios*, que percorriam o continente sul-americano praticando atos de expropriação, a fim de angariarem fundos para a luta contra a monarquia espanhola.

Em 1927, no âmbito da campanha pela libertação de Sacco e Vanzetti, Roscigna e Uriondo colocaram uma bomba na embaixada dos Estados Unidos no Uruguai. Desta ação, que não teve vítimas, resultou porém a detenção de Uriondo que ficou preso em Montevideu.

Roscigna era contra a violência desnecessária, pelo que planejava todas as suas ações com minúcia e preferia fazer um ou dois assaltos por ano, mas que rendessem muito, do que arriscar-se muitas vezes em assaltos de pouco proveito.

Assim, planejou um assalto aos dois homens que transportavam o dinheiro para pagar os salários aos funcionários do hospital Rawson em Buenos Aires. Esta ação, que ocorreu a 1 de Outubro de 1927, e na qual participaram Roscigna, Paredes e os irmãos Vicente e Antonio Moretti, rendeu 122 mil pesos, mas a polícia que escoltava o pagador foi morto quando disparava contra o grupo quando este já estava em fuga. Em consequência, Roscigna e os irmãos Moretti tiveram de fugir para o Uruguai perseguidos pelas polícias dos dois estados, que lhes perdeu o rastro num bairro operário de Montevideu.

No uruguai, Roscigna reencontrou Uriondo, libertado em Fevereiro de 1928, e iniciaram o fabrico de pesos argentinos falsos, para o que contaram com a ajuda de dois especialistas: o alemão Erwin Polke e o argentino Fernando Gabrielesky, que conseguiram fazer todo o trabalho de falsificação dentro da cadeia onde estavam presos. Este dinheiro falso serviu para ajudar presos, para financiar a luta contra o fascismo italiano na Argentina e para ajudar Di Giovanni na sua atividade editorial.

Ainda no Uruguai, e apesar dos conselhos de Roscigna para que passassem despercebidos por uns tempos, os irmãos Moretti decidiram fazer um novo assalto, desta vez acompanhados por três anarquistas catalães que Durruti recomendara. O assalto ocorreu em Outubro de 1928, teve por alvo uma casa de câmbios situada no centro de Montevideu e foi qualificada pela imprensa local como sendo “*à la Bonnot*”. A polícia uruguaia pôs-se em campo e, através de uma denúncia, descobriu a casa alugada onde os Moretti moravam com as respectivas famílias que, entretanto, também tinham vindo para o Uruguai. Na madrugada de 9 de Novembro, um número elevado de polícias e militares cercou a casa. Antes da rendição, Antonio Moretti preferiu suicidar-se a cair vivo nas mãos da polícia. Apesar de torturado, Vicente não denunciou Roscigna, mas o dono da casa identificou-o na fotografia que a polícia lhe mostrou. Antecipando o perigo, Roscigna e Uriondo optaram por fugir. Uriondo escolheu o Brasil, Roscigna preferiu voltar à Argentina, apesar de também aí ser procurado, mas prometeu a si próprio que iria libertar os companheiros, entretanto encerrados na prisão de Punta Carretas em Montevideu. O cumprimento desta promessa marcou tragicamente o seu destino.

De regresso a Buenos Aires, e com vários membros do seu grupo nas prisões argentinas e uruguaias, conjugou esforços com os grupos de Di Giovanni e de Gavilán, para a realização de expropriações.

Assim, a 5 de fevereiro de 1929, organizou e participou no roubo dos homens que transportavam dinheiro para o estabelecimento industrial Kloeckner, cujo montante ascendeu a 19 mil pesos. O grupo era constituído por seis membros, entre os quais Di Giovanni e Scarfó.

Ainda em 1929, a 22 de Outubro, Bayer, citando conversas que teve com antigos expropriadores, coloca-o como um dos autores, juntamente com Scarfó, do já mencionado atentado ao subcomissário Velar. No entanto, este acusou Di Giovanni.

Em 1930, organizou a fuga de um elemento do seu grupo, Juan Manuel Paz, mais conhecido como “Capitão Paz”. Depois de uma primeira tentativa que não resultou, e na qual Paz ficou ferido, Roscigna, López Dumpiérrez e Uriondo entraram no hospital de La Plata disfarçados de pessoal médico, neutralizaram os policiais que vigiavam paz e fugiram com este.

Em junho de 1930, foi a vez da companhia de transportes la Central ser assaltada por um grupo que roubou cerca de 18 mil pesos. Tudo indica que nesta ação, para além de Roscigna e Di Giovanni, também esteve envolvido Gavilán.

Em outubro de 1930, novamente em conjunto com Di Giovanni, assaltaram outro transportador de salários, desta vez de uma empresa chamada Obras Sanitárias, no bairro popular de Palermo em Buenos Aires. Mais uma vez a capacidade de organização de Roscigna a ficar bem demonstrada, já que este roubo foi executado a 50 metros do local onde uma companhia inteira da polícia montada fazia exercícios de tiro e a 100 metros de um quartel de infantaria. O roubo rendeu 286 mil pesos, quantia impressionante para a época, dos quais uma grande parte foi utilizada para financiar a fuga da prisão de Montevideo, que merece ser contada em detalhe.

Esta fuga começou a ser preparada logo em Agosto de 1929, data em que o anarquista italiano Gino Gatti, “o engenheiro”, e a sua companheira compraram uma carvoaria situada mesmo à frente da prisão. A loja, aberta ao público, serviu de disfarce para a construção de um túnel que descia a quatro metros de profundidade, tinha 50 metros de comprimento, altura suficiente para uma pessoa de estatura média andar sem se dobrar, ventilação, iluminação elétrica, sistema de alarme e terminava numa das casas de banho da prisão, precisamente a que era usada pelos presos anarquistas. O casal despediu-se dos vizinhos e fechou a loja na primeira semana de março de 1931. A 18 do mesmo mês (talvez não por acaso o dia do 160º. Aniversário do início da Comuna de Paris), os presos fugiram. A fuga foi descoberta quando os vizinhos estranharam ver sair vários homens da loja fechada. Pensando tratar-se de um assalto, alertaram a polícia mas, quando esta chegou, já muitos presos tinham fugido em três automóveis que os esperavam ao fundo da rua. O túnel foi considerado pelos engenheiros da polícia como “uma obra técnica perfeita”.

Infelizmente, essa fuga tão bem planejada e concretizada foi o fim da linha para Roscigna. Após a fuga, este escondeu-se num bairro popular de Montevideo, juntamente com Moretti, Paredes, Paz e Fernando Malvicini, que tinha pertencido ao grupo de Di Giovanni. Os três últimos tinham vindo para Montevideo ajudar na fase final da construção do túnel e na fuga. Passados apenas nove dias, Moretti foi reconhecido por um funcionário do canil municipal que procurava um cão vadio e que também tinha estado preso em Punta Carretas. Denunciados de imediato à polícia, esta cercou a casa onde se encontravam com efetivos numerosos, pelo que o grupo se rendeu. Roscigna sabia que uma extradição imediata para a Argentina equivalia uma condenação à morte. O exemplo do julgamento sumário e fuzilamento de Di Giovanni, que tinha ocorrido nem há dois meses, não lhe deixava dúvidas. Então, ele, Paz, Malvicini e Paredes declaram-se culpados pela organização da fuga e pelo roubo dos três automóveis utilizados. Desta forma, conseguiram ser julgados por um tribunal uruguaio que os condenou a seis anos de prisão. Apesar de presos, as suas vidas prolongar-se-iam assim por mais alguns anos.

Já na prisão Roscigna planejou a morte do comissário Pardeiro da polícia de Montevideo e que tinha sido o torturador de Moretti em 1928. A 24 de fevereiro de 1932, Pardeiro foi abatido a tiro por Bruno Dellabella e Armando Guidot do grupo do “engenheiro” Gatti, um grupo expropriador pequeno e que atuava sobretudo nas cidades argentinas de Córdoba e Rosário.

A 31 de dezembro de 1936, as autoridades uruguaias libertaram Roscigna, Paredes e Paz, mas para os entregarem de imediato à polícia argentina. Debaixo de apertada vigilância, o grupo foi transportado de barco para Buenos Aires e levado do cais para o Departamento Central da Polícia. A partir daqui, só se sabe ao certo que a polícia transferiu Paz para Córdoba onde o esperava um julgamento por outro roubo, mas que foi libertado pelo grupo de Gatti. De Roscigna, Paredes e Malvicini, o rastro perdeu-se por completo. As buscas levadas a cabo pela irmã de Roscigna e dos membros do comité pro presos foram infrutíferas. Meses mais tarde, um oficial da polícia disse a membros da comité para os esquecerem porque “los fondearon em el Rio de la Plata. Tudo indica que estes três anarquistas foram os primeiros “desaparecidos” no estado argentino, prática que as forças repressoras vulgarizaram anos mais tarde durante o período da ditadura militar.

O desaparecimento de Roscigna foi uma perda irreparável para o anarquismo expropriador argentino e para o movimento anarquista no seu todo, já bastante enfraquecido com as divisões internas provocadas pelas posições assumidas pelo jornal La Protesta e pela evolução reformista da FORA. Roscigna era, nas palavras de Uriondo “o mais inteligente de todos os anarquistas de ação, o mais desinteressado, um homem que poderia ter tido uma vida burguesa cômoda e sem sobressaltos, mas que preferiu abandonar tudo para se arriscar pelas ideias”.

## **O DIREITO AO ÓCIO E À EXPROPRIAÇÃO INDIVIDUAL**

Tu, que fazes um trabalho de que gostas, que tens uma ocupação independente e a quem o jugo do patrão não causa grande incômodo, ou tu que te submetes, resignado ou covarde, à tua qualidade de explorado, como te atreves a condenar, assim tão severamente, os que passaram à fase de atacar o inimigo?

Queremos dizer-te apenas uma coisa. Silêncio! Por honestidade, por dignidade, por bravura. Não sentes o sofrimento deles? Cala-te! Não tens a sua audácia? Então, mais uma vez, cala-te!

Cala-te, porque não conheces as torturas de um trabalho e de uma exploração que odiamos.

Desde há muito tempo que se reclama o direito ao trabalho, o direito ao pão e, francamente, embrutecemos-nos trabalhando. Não somos mais que lobos em busca de trabalho, – de um trabalho duradouro, fixo – e dedicamos todos os nossos esforços a tentar conquistá-lo. Estamos à pesca contínua e obsessiva de trabalho. Esta preocupação, esta obsessão, oprime-nos, nunca nos abandona. E não é que se ame o trabalho. Pelo contrário, odiamo-lo, amaldiçoamo-lo: o que não impede que o sofremos e o persigamos por todas as partes. E enquanto lhe rogamos pragas, amaldiçoamo-lo também porque o perdemos, porque é inconstante, porque nos abandona – depois de pouco tempo: seis meses, um mês, uma semana, um só dia. E assim, depois de uma semana, passado um dia, a procura começa de novo com toda a humilhação que ela acarreta para a nossa dignidade de homens; com o escárnio que implica à nossa necessidade de comer: com a burla moral do nosso orgulho de

indivíduos conscientes deste ultraje, relaxando e espezinhando os nossos direitos rebeldes, de anarquistas.

Nós, anarquistas, sentimosa humilhação desta luta para fugir à fome e sofremos a ofensa de ter que mendigar um pedaço de pão que nos é concedido, de vez em quando, como esmola e com a condição de renegar ou de pôr no sótão de trastes inúteis o nosso anarquismo (se não querem usar meios ilegais para defender o vosso direito à vida, só vos restará o cemitério como local de repouso), e sofremos mais, porque temos consciência da injustiça que é feita contra nós. Mas onde o nosso sofrimento aumenta, até adquirir um carácter trágico, é ao desentranhar a vergonhosa comédia da falsa piedade que se desenvolve à nossa volta, mordendo os lábios de raiva devido à nossa impotência e por nos sentirmos um pouco vis – vileza que se justifica por vezes, mas que quase sempre não tem qualquer justificação perante essa iníqua e cínica hipocrisia que nos faz passar a nós, trabalhadores, como beneficiados, quando somos nós os beneficiadores; que nos coloca em situação de mendigos quando nos tiram a fome por misericórdia, quando, de facto, somos nós que damos de comer a todos os parasitas e lhes oferecemos o bem-estar de que gozam: que consumimos as nossas vidas entre os horrores das privações, para saturar as deles de gozos, para permitir as suas expansões, os seus prazeres, – o seu ócio – tendo consciência do despojo a que somos submetidos. Querem proibir-nos até de sorrirmos perante as maravilhas da natureza, porque somos considerados instrumentos, nada mais que instrumentos, para embelezar a sua vida parasitária.

Damo-nos conta da insensatez dos nossos esforços; sentimos o trágico, ou melhor, o ridículo da nossa situação: imprecamos, amaldiçoamos, sentimo-nos loucos e vis, mas, ainda assim, continuamos sob a influência (como qualquer mortal) do ambiente que nos rodeia, que nos envolve numa malha de desejos frívolos, de ambições mesquinhas de “pobres Cristos” que crêem que melhoram um pouco as suas condições materiais, tentando arrancar dos dentes dos lobos – dos que possuem e defendem a riqueza – uma migalha de pão que não se consegue senão através do elevado preço da nossa carne e do nosso sangue deixados na engrenagem do mecanismo social.

E, por muito que nos pese, deixamo-nos arrastar, por necessidade ou sugestão colectiva, pelo turbilhão da loucura comum. E quebradas, em nós, as forças que nos mantêm íntegros na nossa consciência, que vê as coisas claras e sabe que não conseguiremos nunca, por este caminho, destruir as cadeias que nos mantêm escravos, porque não se diminui o poder ofensivo do capital ajudando a acumulá-lo com o nosso trabalho, com a nossa produção; quebradas essas resistências, dizia, começamos a acelerar o passo para depois sair correndo velozmente, louca correria sem sentido nem fim, que não nos conduz a mais do que soluções transitórias, sempre vãs e inúteis.

O que dizer? Ávidos de lucro? Sugestão do ambiente? Insensatez? De tudo um pouco, ainda que saibamos bem que com o nosso trabalho, sob as condições do sistema capitalista, não resolveremos nenhum problema essencial das nossas vidas, salvo raros casos particulares e condições especiais.

Cada aumento da nossa actividade no sistema actual não tem outro resultado senão um aumento da exploração em prejuízo de nós. Impostores são os que afirmam que a riqueza é fruto do trabalho, do trabalho honesto, individual.

Passemos em frente. Para quê determo-nos a refutar os sofismas de certas teorias económicas que não são sinceras nem honradas e que só convencem os pobres de espírito – por desgraça, a maioria da sociedade – que não buscam outra finalidade que a de cobrir interesses torpes com a aparência da legalidade e do direito? Todos vocês sabem que o

trabalho honrado, o trabalho que não explora outros, nunca criou, neste sistema actual, o bem-estar de qualquer pessoa nem muito menos a sua riqueza, já que esta é fruto da usura e da exploração, as quais não se diferenciam do crime senão pelas suas formas exteriores. Depois de tudo, não nos interessa um bem-estar material relativo obtido através da extenuação dos nossos músculos e do nosso cérebro: queremos, sim, um bem-estar adquirido pela posse completa e absoluta do produto do nosso esforço, a posse incontrastável de tudo aquilo que seja criação individual. Estamos, então, a consumir as nossas existências em total benefício dos nossos exploradores, perseguindo um bem-estar material ilusório, eternamente fugidio, jamais realizável numa forma concreta, estável, porque a libertação da escravidão económica não nos poderá chegar através de um aceleração da nossa actividade na produção capitalista, mas sim com a criação consciente, útil e com a posse do que se produz.

É falso dizer: “uma boa recompensa, um bom salário, por uma boa jornada de trabalho.” Esta frase confessa que devem existir os que produzem e os que se apropriam do produto, e que depois de terem tirado uma boa parte para eles – ainda que não tenham participado na sua criação – distribuem, com base em critérios e princípios absurdos, completamente arbitrários, aquilo que crêem ser conveniente dar ao verdadeiro produtor. Estabelece a retribuição parcial, o roubo, a injustiça: consagra, portanto, de fato, a exploração.

O produtor não pode aceitar como base equitativa e justa a retribuição parcial. Somente a posse integral pode estabelecer as bases da Justiça Social. Por conseguinte, todo o nosso concurso à produção capitalista é um consentimento e uma submissão à exploração que se exerce sobre nós. Cada aumento de produção é mais um rebite para as nossas cadeias, é agravar a nossa escravidão.

Quanto mais trabalhamos para o patrão, mais consumimos a nossa existência, encaminhando-nos rapidamente para um fim próximo. Mais trabalhamos, menos temos tempo para dedicá-lo a actividades intelectuais ou ideais; menos podemos gozar a vida, as suas belezas, as satisfações que nos pode oferecer; menos desfrutamos das alegrias, dos prazeres, do amor.

Não se pode pedir a um corpo cansado e consumido que se dedique ao estudo, que sinta o encanto da arte: poesia, música, pintura; e ainda menos que tenha olhos para admirar as infinitas belezas da natureza. A um corpo exausto, extenuado pelo trabalho, esgotado pela fome e pela tísica, não lhe apetece mais que dormir e morrer. É uma torpe ironia, uma mofa sangrenta, afirmar que um homem, depois de oito ou mais horas de um trabalho manual, tenha ainda força para se divertir, para gozar de uma forma elevada, espiritual. Possui apenas, depois da esgotante tarefa, a passividade para se embrutecer, porque para isso não é necessário mais do que se deixar cair, se deixar arrastar.

Apesar dos seus cantores hipócritas, o trabalho, na sociedade actual, não é senão uma condenação e uma abjecção. É uma usura, um sacrifício, um suicídio.

Que fazer? Concentrar os nossos esforços para diminuir essa loucura coletiva que vai até à enervação. É preciso pôr o produtor em guarda contra esse esforço fatigante, tão inútil como idiota. É necessário combater o trabalho material, reduzi-lo ao mínimo, tornarmo-nos preguiçosos enquanto vivermos no sistema capitalista sob o qual devemos produzir. Hoje em dia, ser um trabalhador honrado não é nenhuma honra, é uma humilhação, uma parvoíce, uma vergonha, uma vilania. Chamarem-nos “trabalhadores honrados” é gozarem connosco, é, depois do dano, juntarem-nos ao engano.

Oh! Soberbos e magníficos vagabundos que sabem viver à margem das conformações sociais, eu vos saúdo! Humilhado, admiro a vossa ousadia e o vosso espírito de insubmissão e



reconheço que têm muita razão quando nos gritam: “é fácil acostumarem-se à escravidão.”

\*\*\*

Não! O trabalho não redime, mas embrutece. Os belos cantos às massas activas, trabalhadoras, pujantes: os hinos aos músculos vigorosos: as lesta perorações ao trabalho que enobrece, que eleva, que nos livra das más tentações e de todos os vícios, não são mais que puras fantasias de pessoas que nunca pegaram num martelo ou num escalpelo, de pessoas que nunca curvaram o lombo sobre uma bigorna, que jamais ganharam o pão com o suor do seu rosto.

A poesia consagrada ao trabalho manual não é mais que uma irrisão e um engano que nos deveria fazer sorrir se não nos enchesse de indignação e rebeldia.

A beleza do trabalho...o trabalho que eleva, enobrece, redime!...

Sim, sim! Olha para ali, para longe. São os trabalhadores que saem das fábricas, que surgem das minas, que abandonam os portos, os campos, depois da jornada de trabalho. Olhem para eles, olhem para eles! Apenas as suas pernas conseguem suportar aqueles corpos derreados. Indaguem essas caras pálidas, murchas, extenuadas. Assomem-se a esses olhos tristes, mortiços, sem luz, sem vitalidade. Ah, os belos, os potentes músculos...a alegria dos corações pelo trabalho que enobrece!...

Entrem naquela fábrica e observem-nos na sua actividade. Parte integrante da máquina, estão constringidos a repetir por mil, por dez mil vezes, o mesmo movimento, automaticamente, como a máquina, sem que quase seja necessário a intervenção dos seus cérebros. Podiam muito bem tê-los deixado nas suas casas, já que uma vez que se colocam nos seus postos, continuariam igualmente os seus trabalhos. Não conservam nada da própria personalidade, da própria individualidade. Não são seres sensíveis, pensantes, criadores. Não são mais que coisas sem espiritualidade, sem impulso próprio. Vão porque todos vão. Movem-se num ritmo uniforme, igual, sem independência. Foi-lhe ordenado que executassem aquele movimento e devem fazê-lo hoje, amanhã...sempre!...como as máquinas!...

Chegamos à destruição completa da personalidade humana em oitenta por cento da produção moderna. Não se encontram já artesãos, artistas. A produção capitalista não os requisita, não necessita deles. Foram inventadas coisas para cada necessidade e máquinas que façam tudo, e chegámos ao ponto de criar novas necessidades para poder fabricar novos produtos. De facto é isso que já se faz e é por isso que a vida vai-se tornando cada vez mais complicada e o viver torna-se cada dia mais difícil.

A estética das coisas foi suprimida e estas são criadas nada mais do que em série, aos montes. Os gostos foram educados em linha geral; foi distribuída, pelos indivíduos, uma originalidade artística qualquer, um desejo diferente qualquer, e conseguiu-se – oh, prodígio da propaganda! – tornar apetecível à generalidade das pessoas aquilo que aos capitalistas convém fabricar: uma mesma coisa para cada individualidade distinta.

Já não existe a necessidade de seres que criem, mas antes que fabriquem; já não existem – ai! – artistas, operários intelectuais; só restam operários manuais. Não se põe mais à prova a nossa inteligência; pelo contrário, olham para ver se tens bons músculos, se és vigoroso. Não se olha muito para o que sabes, mas para quanto poderás produzir. Não são vocês que fazem a máquina andar, é a máquina que vos faz andar. E ainda que pareça um paradoxo! – e não é mais do que a pura realidade – é também a máquina que “pensa” o que se tem de fazer, ficando para vocês apenas a obrigação de servi-la, de fazer o que ela diz. É ela o cérebro e vocês os braços; ela é a matéria pensante, criadora, e vocês a matéria bruta, autómata: ela, a



individualidade, vocês a...máquina.

Horror! Se apenas uma individualidade fosse introduzida no funcionamento da linha da Ford, por exemplo, ela destruiria toda a engrenagem de produção.

\*\*\*

Os operários não são mais que presidiários. Ou, se vos serve de consolo, soldados aquartelados nas fábricas. Todos marcham ao mesmo ritmo; todos fazem – apesar da variedade de objectos – os mesmos movimentos. Já não encontramos qualquer satisfação nos trabalhos que fazemos; não nos apaixonamos por eles porque sentimo-nos estranhos a eles. Seis, oito, dez horas de trabalho, são seis, oito, dez horas de sofrimento, de angústia.

Não, não amamos o trabalho; odiamo-lo. Não é a nossa libertação, é a nossa condenação! Não nos eleva e livra dos vícios; abate-nos fisicamente e aniquila-nos moralmente até ao extremo de nos deixar incapacitados para nos livrarmos dele. É necessário realizar estes trabalhos, eu sei, mas será sempre de má vontade se amanhã também quisermos manter o actual sistema devido a uma economia de esforços. Será sempre sob sofrimento mesmo quando a jornada seja reduzida a menos horas.

Não sei o que pensam os animais sobre a carga que lhes colocam no lombo; mas o que sei dizer, pelo que observo e pelo que eu próprio sinto, é que o homem não executa com alegria, com verdadeira satisfação, senão os trabalhos intelectuais, artísticos. Se ao menos não considerasse o seu sacrifício mal dispendido e inútil, o homem encher-se-ia de coragem e a sua fadiga parecer-lhe-ia menos amarga, menos dolorosa. Mas quando observa que todo o seu esforço é mal dispendido, que não é senão um trabalho de Sísifo com inumeráveis desastres e sacrifícios em cada recaída, a coragem foge então do seu coração e em cada ser consciente, em cada ser sensível e humano, o ódio acende-se contra este estado de coisas bárbaro e criminal, e a aversão e rebeldia contra o trabalho torna-se inevitável.

Compreende-se, então, que existam os inconformados que não querem dobrar-se perante esta escravidão repugnante. Compreende-se que existam os vagabundos indomáveis que preferem a incerteza da sua manhã – a maioria das vezes sem o mísero pedaço de pão acordado com o trabalhador a tempo inteiro – em vez de se submeterem a este sistema humilhante. Compreende-se a incorrigível boémia, sem carácter se assim quiserem, mas que não forma parte do humilhante cortejo dos párias...E, compreendem-se também, os grandes preguiçosos, os ociosos ideais, que passando a sua vida numa completa irmandade com a natureza, gozando ao contemplar as maravilhosas auras, os crepúsculos melancólicos, enchendo os seus espíritos de melodias que só uma vida simples e livre poderá procurar, impondo o silêncio às imperiosas necessidades da fome para não cair na escravidão em que estamos afundados. Sentados à beira do caminho, observam com uma infinita tristeza, com uma profunda piedade, a caravana negra que todos os dias se encaminha dócil e exausta para as fábricas – prisões que os engolem já exaustos e os devolvem pela noite como cadáveres.

E fogem, fogem estes ociosos ideais com o coração oprimido ao ver tanta estultice, tanta miséria, tanta loucura. Fogem para uma vida livre, voluntariosa, inconformada, dizendo ao seu coração que é preferível a morte do que submeter-se a cada dia que passa a esta vida miserável, vil e privada de elevação e espiritualidade.

Odiar o trabalho manual no regime capitalista não significa ser inimigo de toda a actividade, assim como aceitar a expropriação individual não equivale a fazer guerra contra o trabalhador- produtor, mas sim ao capitalista-explorador.

Estes vagabundos ideais que tanto admiro, têm uma actividade, vivem uma vida

espiritual intensa, riquíssima em experiências, observações, gozos. São inimigos do trabalho, porque vêem que os seus esforços são mal dispendidos dessa forma; não podem, portanto, submeter-se à disciplina que essa espécie de atividade exige, e não querem tolerar que se façam deles máquinas sem cérebro, que se mate, por assim dizer, essa personalidade, que é o que mais apreciam.

Entre estes vagabundos espirituais – refractários à domesticação e à disciplina capitalista – é necessário procurar os expropriadores, os partidários da expropriação individual, aqueles que não querem esperar que as massas estejam preparadas e dispostas a cumprir o acto colectivo de justiça social. Se estudarmos bem os aspectos psicológicos, éticos e sociais que determinam que tenham essa atitude, saberemos compreender, justificar e apreciar melhor os seus actos e também defendê-los dos ataques coléricos de muitos daqueles que, mesmo partilhando as mesmas ideias sobre muitos outros problemas, se esforçam por deitar por lama estes impacientes que não se resignam até que chegue o dia da redenção colectiva.

O direito à expropriação individual não pode ser negado baseando-nos sobre um certo direito colectivo à expropriação. Se fôssemos socialistas ou comunistas-bolcheviques, poderíamos negar ao indivíduo o direito de se apropriar – pelos meios que pense serem os mais convenientes – daquela parte da riqueza que a ele, como produtor, lhe pertence.

Porque os bolcheviques e os socialistas negam a propriedade individual e só admitem uma forma de propriedade: a colectiva. Mas esse não é o caso dos anarquistas, sejam individualistas ou comunistas, pois todos, teórica e praticamente, admitem tanto o direito à propriedade individual como colectiva. E se admitem o direito à posse individual, como pode ser negado ao indivíduo o mesmo direito de se servirem dos meios que crêem ser oportunos para passarem a possuir o que lhes pertence?

Cada credor (sendo este a classe produtora frente à capitalista) toma o seu devedor pelos colarinhos na hora e da forma que mais lhe convenha e faz com que lhe seja restituído o seu produto – que lhe foi arrebatado através do engano e da violência – no menor tempo possível. O indivíduo, baseando-se na liberdade – e a liberdade é a doutrina da anarquia – é o único árbitro e juiz neste ato de restituição.

Admitiu-se a oportunidade e a necessidade de um ato colectivo, de uma revolução social para expropriar a burguesia, e o indivíduo, ainda individualista, associou-se voluntariamente a esta ideia, porque se tornou crença geral que um esforço colectivo nos livraria mais facilmente da escravidão económica e política.

Mas desde há anos que esta confiança decresceu em muitos anarquistas. Teve que ser admitido, por fim, que uma verdadeira libertação, uma libertação profunda, anárquica, que arrancaria da consciência das massas – com a segurança de nunca mais voltar – o fetiche da autoridade e nos permitisse instaurar um estado de coisas que não violaria a liberdade de cada um, necessitaria forçosamente de uma larga preparação cultural e, por conseguinte, muitos mais anos de sofrimentos sob a exploração capitalista. Daí que muitos dos nossos rebeldes, que num primeiro momento tinham abraçado com entusiasmo a ideia de uma revolução expropriadora, disseram que – sem se dissociarem por isso do necessário trabalho de preparação revolucionária – tal espera significaria o sacrifício de toda a sua vida, consumida em condições odiosas e desumanas, sem nenhuma alegria, sem qualquer gozo, e que a satisfação moral de uma luta cumprida em prol da libertação humana não era um lenitivo suficiente para as suas próprias penas.

“Não temos mais do que uma vida – sentem-no no seu coração – e esta precipita-se para

o seu fim com a rapidez de um relâmpago. A existência do homem em relação ao tempo não é na verdade mais do que um fugaz instante. Se esse instante se esfuma, se não lhe soubermos extrair o sumo que em forma de alegria nos pode dar, a nossa experiência será vã e desperdiçaremos uma vida cuja perda não será ressarcida pela humanidade. Portanto, é hoje que devemos viver, não amanhã. É hoje que teremos direito à nossa parte dos prazeres e o que hoje perdermos, o amanhã não nos poderá restituir: está definitivamente perdido. Por isso, é hoje que queremos gozar a nossa parte dos bens, é hoje que desejamos ser felizes.”

Mas a felicidade não se alcança na escravidão. A felicidade é um dom do homem livre, do homem dono de si mesmo, dono do seu destino; é o dom supremo do homem, homem que se nega a ser besta de carga, besta resignada que sofre, produz e está privado de tudo. A felicidade obtém-se no ócio. É adquirida também com o esforço, mas com o esforço útil, com o esforço que procura um maior bem-estar – aquele esforço que acrescenta à variedade das minhas aquisições, que me eleva, que me redime de verdade.

Não existe, portanto, uma felicidade possível para o trabalhador que durante toda a sua vida está ocupado a resolver o problema da fome.

Não existe uma felicidade possível para o pária que não tem outra preocupação que não seja o seu trabalho, que não dispõe senão do tempo que dedica ao trabalho. A sua vida é bem triste, bem desoladora, e para poder suportá-la, arrastá-la, aceitá-la sem se rebelar, é preciso uma grande coragem ou uma grande dose de cobardia.

Do desejo de viver, do desespero íntimo e profundo que nos coloca frente à perspectiva de toda uma vida consumida em benefício de gente indigna, da desolação sentida ao perder a esperança numa salvação colectiva durante a fugaz trajetória da nossa breve existência: é disso que está formada a rebelião individual; é desses fogos que se alimentam os actos de expropriação individual. Triste, muito triste, é a vida do trabalhador inconsciente; mas, ai de mim!, a vida do anarquista é verdadeiramente trágica.

Se vocês não sentem todos os sofrimentos, todo o desespero da vossa situação trágica, permitam-me que vos diga que têm pele de coelho e que o jugo não vos cai tão mal. E se o jugo não vos pesa; se pela vossa situação particular não sentem a apreensão directa do patrão; se, apesar de todas as vossas lamentações superficiais, não poderem viver sem o trabalho, porque não sabem como ocupar as vossas horas de ócio, e por falta de um trabalho manual se aborrecem terrivelmente; se souberem aguentar a disciplina quotidiana da oficina, respeitar as contínuas repreensões dos imbecis e malvados capatazes, rebentar de trabalhar primeiro e depois de fome, sem que sintam vontade de abraçar o mais odioso dos criminosos, de chamarem-lhe irmão e de não sentirem que vos invade uma sensação de ternura em relação ao ofício de verdugo, vocês não terão alcançado o grau de sensibilidade necessário para compreender os sofrimentos espirituais e os motivos sociais que determinam os actos de expropriação individual – daqueles de quem eu falo – e muito menos terão direito a condená-los.

Porque não é só o anarquista que constata tudo o que um trabalho desumano, criminal e na maioria das vezes inútil para o nosso próprio bem e para o bem da humanidade, tem de odioso; não só se vê obrigado a participar ele próprio na manutenção da sua própria escravidão, da dos seus companheiros e da do povo em geral, como também tem de executar esse trabalho de uma forma e em condições tão horríveis, tão insuportáveis e cheias de perigo, que sente a sua vida ameaçada a todo o instante da sua larga jornada; porque o seu trabalho, certos trabalhos que alguns tipos de operários devem efectuar (e digo “tipos” porque existem operários que não conhecem a desumanidade e o terrível perigo de certos trabalhos

executados por outros trabalhadores), não só implica uma verdadeira escravidão como também se assemelha a um verdadeiro suicídio.

No fundo das minas, ao lado das monstruosas máquinas, nas fundições infernais, entre produtos prejudiciais, a morte está sempre à espreita. Corpos que se tornam tísicos, pulmões envenenados, membros lacerados, corpos curvados, olhos privados da luz eterna, crânios esmagados, eis o que milhares de trabalhadores honrados ganham com o suado pão. E não existe nenhuma piedade com eles, nenhuma moral, nenhuma religião para comover aquele que disso se aproveita, juntando milhões amassados com crimes diários, cometidos para obter um pouco mais de lucro, para juntar na sua caixa mais alguns centavos.

É, portanto, necessário rodeá-lo com a nossa ternura, esvaziar o nosso depósito lacrimogéneo perante a má sorte que possa cair sobre a cabeça de algum deles, pelo facto forçado de algum dos nossos!

Verdade, é que devemos mostrar-nos bons, humanos, generosos, quando se trata de respeitar a bolsa ou a pele dos nossos inimigos, e boas bestas quando os nossos inimigos nos fazem rebentar.

Assim que, individualmente, não teremos o direito de tomar a espada da justiça nas nossas mãos sem o consentimento colectivo? – Não violes a virgindade da moral comum com os vossos pecado ainda não santificados! Um pouco de paciência meus irmãos, que o reino do Senhor virá para todos!

“Se têm fome, resmunguem, mas quietos: nós ainda não estamos prontos. Se vos batem, rujam, mas não se movam: ainda temos chumbo nos pés. Se vos massacram, depois de vos terem roubado, alto aí! Volta a cara ao ladrão, nós vos proclamamos heróis. Mas se quiserem recuperar o dinheiro sem o nosso consentimento, ainda que fosse por vosso próprio risco, não o façam, porque então não serão mais do que bandidos vilões. É a moral, a nossa moral.”

Merda então!

E ser-me-á permitido fazer uma pergunta, a seguinte: quando o capital me rouba e me faz morrer de fome, quem é o roubado e quem é que morre de fome: eu ou a colectividade? Eu? E, então, porque é que é somente a colectividade terá o direito de atacar e de se defender?

Eu sei que a ação do expropriador pode-se prestar a muitas falsas interpretações, a muito equívocos. Mas a culpa de tudo isso, a responsabilidade pela falsificação dos motivos éticos, sociais e psicológicos que determinaram e determinam – na sua grande maioria – os actos individuais de expropriação, cai principalmente – em grande parte – sobre a má fé dos seus críticos.

Não quero dessa forma sustentar que todos os seus críticos têm má fé, porque sei muito bem que existe uma grande parte de companheiros que crê sinceramente que estes actos são prejudiciais para os fins imediatos da nossa propaganda. Quando falo de má fé, quero referenciar aqueles anarquistas que de tão sectários e tão individualófbos, começam por chamar “roubo” a qualquer ato de expropriação, querendo com isso negar a esse gesto qualquer base social e eticamente justificável desde o ponto de vista anarquista, para associá-lo e pô-lo em comum com todos aqueles indivíduos vulgares e inconscientes (desculpáveis em grande parte porque são produtos genuínos do actual sistema social) que fazem de ladrão com a mesma indiferença com que fariam de verdugo se esta última profissão lhes desse aquilo que procuram.

No entanto, estou bem longe de justificar sempre e em todas as circunstâncias o expropriador. Uma coisa que condeno num certo número de expropriadores é a corrupção a que se entregam quando um golpe lhes saiu bem. Em certos casos, admito-o, a crítica e a

condenação estão bem justificadas, mas, apesar de tudo isso, ela não pode ir para além daquela feita ao bom trabalhador que consome o seu salário em bebedeiras e prostíbulos, fato que, desgraçadamente, ainda se passa, e com demasiada frequência, entre os nossos.

Foi dito por certos críticos que a apologia do acto individual gera, em certos anarquistas, um utilitarismo mesquinho, uma mentalidade estreita e em contradição com o princípio da anarquia, uma suposição tão caprichosa como dizer que cada anarquista que tenha contacto com não anarquistas acaba por pensar de forma antianárquica.

Mas existe uma coisa que não quero esquecer-me de dizer, é a seguinte: sendo a expropriação um meio para individualmente nos livrarmos da escravidão, os riscos devem ser suportados de forma individual, e os companheiros que praticam a expropriação “per se” perdem todo o direito – ainda que exista para as outras actividades anarquistas, o que eu não creio – a reclamar a solidariedade do nosso movimento quando caiem em desgraça.

A minha intenção neste estudo não é a de fazer a apologia deste ou daquele facto, mas sim a de chegar à raiz do problema, a de defender o princípio e o direito à expropriação, e o mau uso que certos expropriadores fazem do fruto das suas empresas, não destrói o próprio facto, como o facto de que existam grandes canalhas que se chamem de anarquistas, não destrói o conteúdo ideológico da anarquia.

Examinemos uma acusação mais grave, a pena máxima: aquela que sustenta que os actos de expropriação individual atentam contra os princípios anarquistas. Chamou-se aos expropriadores de parasitas, e é certo! São parasitas; nada produzem. Mas são parasitas involuntários, forçados, porque na sociedade de hoje não pode existir mais do que parasitas ou escravos. Não existe qualquer dúvida de que são parasitas, mas o que ninguém lhes poderá chamar é de escravos. Os escravos, por sua vez, na sua grande maioria, são também parasitas com um custo mais elevado do que aqueles outros. E o parasitismo desta maioria de produtores é muito mais imoral, cobarde e humilhante que o dos expropriadores.

Chamas produtor, trabalhador honrado ou parasita ao que se encontra empregado na fabricação de jóias, de tabaco, de álcool, ou ocupado na *far la...serva al prete?* (“serventia ao padre.”)

Dir-me-ão que esse parasitismo também é imposto, que a necessidade de viver obriga-nos, com pesar nosso, a submeter-nos a esta actividade negativa e prejudicial. E com esta pobre desculpa, com este pretexto cobarde, ganha-se o pão nosso de cada dia, de forma vergonhosa e até criminal. Uma verdadeira cumplicidade no delito; uma criminalidade não inferior à dos primeiros responsáveis: os burgueses.

E depois de tudo, podem negar que o facto de se recusar a colaborar nas embrulhadas deste regime criminal não é muito mais anárquico que o primeiro? Podem negar, por acaso, que dois terços da população da nossa metrópole sejam parasitas?

É inegável que se por produtores se calculam somente aqueles que estão ocupados numa produção verdadeiramente útil, a humanidade, na sua grande maioria, deve ser considerada parasita. Trabalhes ou não trabalhes, se não formas parte da categoria dos camponeses ou das poucas categorias verdadeiramente úteis, não poderás ser mais do que um parasita, ainda que te creias um trabalhador honrado.

Entre o parasita-trabalhador que se submete à escravidão económico-capitalista e o expropriador que se rebela, prefiro o último. Esse é um rebelde em acção, o outro um rebelde que ladra mas...não morde, ou morderá apenas no dia da santíssima redenção.

Dividindo-se o esforço entre toda a colectividade, seriam suficientes duas ou três horas de trabalho para produzir tudo o que seria necessário para levar uma vida folgada. Temos,

portanto, direito ao ócio, direito ao repouso. Se o actual sistema social nos nega esse direito, é preciso conquistá-lo através de qualquer meio.

É de fato triste ter que viver do trabalho de outros. Experimenta-se a humilhação ao ser-se equiparado aos parasitas burgueses, mas também se saboreiam grandes satisfações.

Parasitas sim; mas não bebem as amargas fezes da conhecida vileza, da expressão consentida, não sentem os tormentos de se verem como um daqueles que, humilhados, vão jungidos ao carro do vencedor, regando o caminho com o seu próprio sangue; um daqueles que oferece riquezas aos parasitas e morre de fome sem ousar rebelar-se; um daqueles que constroem palácios e vivem em tugúrios, que cultivam o trigo e não podem matar a fome aos seus filhos; um entre a multidão anónima e rebaixada que se ergue num segundo ao receber um golpe do amo, mas que se submete todos os dias, se conforma com o actual estado social e, abandonada a sua atitude momentânea, tolera, ajuda e executa todas as infâmias, todas as baixezas.

Não produtores, é um facto, mas não cúmplices. Não produtores, sim; ladrões se quiserem – se a vossa posição confortável necessita de outra baixeza para se consolar –, mas não escravos. Desde hoje, cara a cara, mostrando os dentes ao inimigo.

Desde hoje, temidos e não humilhados.

Desde hoje, em estado de guerra contra a sociedade burguesa.

Tudo, no mundo capitalista actual, é indignidade e delito; tudo nos dá vergonha, tudo nos causa náuseas, nos dá asco.

Produz-se, sofre-se e morre-se como um cão.

Deixem, pelo menos, ao indivíduo a liberdade de viver dignamente ou de morrer como homem, se vocês querem agonizar na escravidão.

O destino do homem, diz-se, é ele mesmo quem o forja; e hoje não existe mais do que uma alternativa: ou em rebeldia ou em escravidão.

Confraternização e Luta  
aaccel.nordeste@gmail.com

